

## **Jornalismo Esportivo VS Esporte Feminino<sup>1</sup>**

Thais May Carvalho<sup>2</sup>

Rafael Grohmann<sup>3</sup>

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo verificar como e qual é o espaço dado para o esporte feminino no jornalismo esportivo televisivo brasileiro, afinal ele tem uma grande influência em diversos aspectos da sociedade, e por isso o modo como trata as mulheres que praticam esporte reflete diretamente no debate das pessoas sobre o assunto. Para realizar o artigo, que tem como pano de fundo a Teoria da Agenda, de MCCOMBS, foram feitas pesquisas teóricas sobre o jornalismo, o jornalismo esportivo, a televisão, a questão da mulher no esporte e o esporte feminino na mídia. Além disso, as grades e alguns programas dos canais Sportv e ESPN foram analisadas para ver como essa questão aparece em ambos.

**Palavras-chave:** esporte; jornalismo; televisão; mulher; gênero.

### **Introdução**

Não é segredo que o esporte é considerado um campo (BOURDIE, 1997) dominado pelos homens, onde, em muitas situações, as mulheres são marginalizadas, diminuídas e “sexuaizadas”. Essa lógica de poder do gênero masculino sobre o gênero feminino, no qual, segundo ROMERO (2004, p. 105), “elas, frágeis, não alcançam resultados semelhantes aos deles, fortes e viris. ”, é difundida pela mídia esportiva no Brasil, o que acaba contribuindo para que esses estereótipos se propaguem na sociedade brasileira.

Tendo em vista esse problema, o presente artigo tentará responder à questão: como e qual é o espaço dado para o esporte feminino no jornalismo esportivo televisivo brasileiro? A hipótese inicial levantada é de que o espaço dado é muito reduzido, e que o tratamento do esporte feminino é permeado por diversos preconceitos de gênero.

### **1. Jornalismo esportivo e televisão**

Antes de falar sobre o jornalismo esportivo em si, é importante ressaltar que ele é um braço do jornalismo em geral, logo, não seria possível fazer um panorama sobre as suas práticas, sem antes abordar a lógica de funcionamento do próprio jornalismo.

#### **1.1 Jornalismo**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 2º ano do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, email: [thaismaycarvalho@outlook.com](mailto:thaismaycarvalho@outlook.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, email: [rfgrohmann@casperlibero.edu.br](mailto:rfgrohmann@casperlibero.edu.br)

Esse é um campo (BOURDIE, 1997) em que, assim como os outros, há uma disputa pelo poder. Mas o que é o campo jornalístico? E qual é esse poder? Essas perguntas serão respondidas nos parágrafos seguintes, de acordo com as ideias de Mariana OSELAME (2012, p. 56) apresentadas no trecho a seguir. A partir dele é possível extrair diversos aspectos do jornalismo, sendo que nesse artigo serão tratados principalmente os aspectos técnicos e sociais citados pela autora:

Poeticamente, o jornalismo é uma batalha pelos corações e mentes dos leitores, telespectadores, ouvintes e internautas que reconhecem, no conteúdo veiculado pelos meios, a vida em todas as suas dimensões. Tecnicamente, o jornalismo é seleção, ordenação, atribuição de valor e apresentação dos acontecimentos que, devidamente editados a partir de técnicas específicas, se tornam um retrato parcial da realidade. Socialmente, por construir essa percepção, o jornalismo também é um gerador de imagens coletivas; é instrumento de socialização.

Como OSELAME (2012) diz, no jornalismo é essencial a seleção do que se vai noticiar, afinal há um limite de espaço e de tempo tanto para se produzir as notícias, quando para consumi-las, e por isso é impossível falar sobre tudo o que acontece. Sabendo disso, é importante ressaltar que alguns temas serão abordados em detrimento de outros, e conseqüentemente alguns deles serão debatidos pela sociedade e outros não.

O que é importante problematizar é por quem e com que critérios essas escolhas são feitas. O que é considerado noticiável, como diz RIBEIRO (2001), é geralmente determinado por uma quantidade restrita de pessoas, sendo que elas respeitam uma hierarquia interna, que tem início com o dono do meio de comunicação, passando por chefes de redação e editores, até chegar aos jornalistas. Já o critério de noticiabilidade que eles adotam, segundo FONSECA (2008, apud OSELAME, 2012, p. 77), é determinado pela lógica capitalista, em que “‘Os critérios de relevância e interesse público cedem lugar para os de interesse do público’.”, ou seja, são privilegiados aqueles que irão atrair mais a audiência, independentemente de sua relevância política e social.

Outro aspecto técnico citado por OSELAME (2012) e que é essencial ressaltar, é o fato de que o jornalismo faz um retrato (preenchido por subjetividades) parcial da realidade, sendo assim, esse retrato não pode ser considerado a verdade única e absoluta dos fatos. Tendo isso em vista, RIBEIRO (2001, p. 125) cita Gay Talese, que afirma “‘o NYT era a bíblia de todas as manhãs, que os leitores aceitavam como a realidade e a verdade.’”. No entanto, o jornalismo vai muito além disso. Como BORELLI (2002, p. 2) diz, “‘O campo jornalístico é [ou deveria ser] entendido enquanto lugar de produção de sentido, de construção de atualidade, e não meros registros, de reprodução de realidade.’”.

A partir dessas ideias é possível entrar no aspecto social do campo citado por OSELAME (2012). O poder do jornalismo está justamente na capacidade que ele tem para produzir conteúdo, trazendo-os do âmbito privado para o público, e esses vão contribuir para a propagação de ideias, conceitos e valores na sociedade. Nas palavras de BENETTI (2007, p. 110), “‘o jornalismo lança mão

de mapas culturais de significados que existem na sociedade e ajuda a reforçá-los ou apagá-los, contribuindo para o estabelecimento de ‘consensos’ a respeito de valores e atitudes.”.

## 1.2 Jornalismo Esportivo

Definido o que é o campo jornalístico, agora é possível entrar especificamente na editoria do jornalismo esportivo. OSELAME (2012) revela que o jornalismo especializado está ligado ao modo como se trata a informação e os fatos, além disso, é necessário existir um balanço entre falar de modo com que aqueles que entendem sobre o que está sendo tratado se sintam bem informados e satisfeitos com a notícia, e, ao mesmo tempo, conseguir transmitir a mensagem de modo que quem não conhece o assunto também consiga entender o que foi dito. Já BITENCOURT (2007, p. 10) afirma que “O termo ‘esportivo’ dá ao jornalismo uma ‘qualidade’, designa uma especificidade não só de produção, mas de linguagem e formato.”. Vale ressaltar que a linguagem usada no meio esportivo é mais leve, despojada e coloquial do em outras editorias.

No entanto, acredita-se (principalmente no meio jornalístico), pelo caráter de entendimento que o esporte tem (o que é refletido na linguagem), que este tem menos importância do que as coberturas de política e econômica, por exemplo. Porém, essa é uma crença falsa, pois o jornalismo esportivo apresenta os mesmos aspectos técnicos e sociais apresentados por Mariana OSELAME (2012), e por isso ele também tem muita força em diversos aspectos da sociedade. Nesse sentido, BARBEIRO e RANGEL (2006, apud OSELAME, 2012, p. 85) apontam que “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. [...] A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público.”.

NOVAES (2010) aponta que a mídia esportiva é essencial no papel de divulgação, acesso e consumo aos mais diferentes esportes, afinal, se a imprensa não os divulga, eles ficam restritos a quem os pratica (BORELLI, 2002), dessa forma, “as imagens e representações sobre o mundo esportivo [são] em grande parte influenciadas pela mídia, uma vez que a grande maioria das pessoas só toma contato com eventos esportivos através da imprensa” (KOIVULA, 1999, apud SOUZA e KNIJNIK, 2007, p. 37), por isso os autores destacam a dependência que todo esse setor têm do jornalismo, uma vez que sem ele, suas atividades não são objeto de destaque e debate na sociedade. Vale ressaltar que a mídia também depende do esporte, pois ele a ajuda a vender. Por conta disso, o esporte acaba tendo grande relevância e destaque dentro da mídia, ocupando páginas importantes nos jornais e tendo bastante tempo na programação da televisão e do rádio (BORELLI, 2002).

## 1.3 Televisão

Esse artigo tem enfoque a transmissão esportiva na televisão, pois, a TV ainda é o principal meio de comunicação no Brasil. As pesquisas do IBGE (2013) mostram que 97,2% dos 65,1 milhões de domicílios brasileiros possuem televisores<sup>4</sup>. Já a PBM-2015 afirma que os brasileiros passam por dia em média de 4 horas e meia vendo televisão, sendo que 73% assistem diariamente<sup>5</sup>. E segundo pesquisa do IBOPE (2011), 72% das pessoas que acompanham esportes se informam pela televisão<sup>6</sup>. Sabendo do alcance que a TV tem no Brasil, querendo ou não, ela acaba assumindo, como afirma a UNESCO (apud OSELAME, 2012) um papel de entreter, informar e educar a população. Ou seja, ela contribui na formação de opiniões, ideias, estereótipos, comportamentos e etc. Para OSELAME (2012, p. 33) “Há, assim, uma interação: o meio de comunicação, no caso a televisão, não é só um veículo que transmite as imagens até seu destino, mas contribui para a evolução do quadro cultural em que mensagens ganham sentido. ”. Porém, também é essencial ter em mente que o conteúdo apresentado na TV, além de ser um produtor de ideias, ao mesmo tempo é um reflexo da sociedade em que ela está inserida.

A partir dessas informações é importante ressaltar que, da mesma forma que o jornalismo, a televisão também apresenta aspectos sociais muito fortes. Segundo a PMB-2015 (p. 16) “a televisão possui um componente social e aglutinador, já que serve como pano de fundo para conversas entre as pessoas. ”. Dessa forma, pode-se dizer que a televisão influencia diretamente no cotidiano das pessoas, tendo em vista que o que ela veicula vira tema de debate na sociedade.

#### 1.4 Agenda Setting

Esses elementos do jornalismo e da televisão que foram abordados anteriormente são reforçados pela Teoria da Agenda (*agenda-setting*), de Maxwell MCCOMBS (2009). Essa teoria diz que a mídia influencia os debates que estão presentes na sociedade, ou seja, “a agenda da mídia estabelece a agenda pública” (MCCOMBS, 2009, p. 22). Isso ocorre porque, segundo o autor, a maior parte dos acontecimentos não ocorrem próximo aos indivíduos, logo, é necessário que os meios de comunicação e os jornalistas, a partir de um conjunto de regras e normas, relatem esses eventos que estão distantes do dia-a-dia. No entanto, não há pessoas suficientes para cobrir todos os fatos que ocorrem, por isso é feita uma seleção do que se vai ou não noticiar, e consequentemente, do que vai ser discutido na sociedade. Diante de tal seleção, diversos temas acabam não sendo contemplados pelos

<sup>4</sup> <http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/8311-televisao.html> acesso 16/05/2016

<sup>5</sup> Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.** Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>> acesso 15/06/2016

<sup>6</sup> OSELAME, Mariana. **Fim da notícia: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão.** Porto Alegre, 2012. Disponível em < <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2057/1/000446793-Texto%2bCompleto-0.pdf>> acesso 15/06/2015

critérios de noticiabilidade (que dão destaque aos acontecimentos considerados mais importantes) criados pela mídia. Nesse sentido,

A intensa competição entre os temas para um lugar na agenda é o mais importante aspecto desse processo. A qualquer momento há dezenas de temas disputando a atenção do público. Mas sociedade alguma e suas instituições podem prestar atenção a não mais do que alguns assuntos de cada vez (MCCOMBS, 2009 p. 67).

Como é possível perceber, os temas presentes na agenda da mídia não aparecem magicamente na agenda pública. Existem alguns fatores que o autor destaca que contribuem para esse movimento ocorrer, tais como o espaço dado para o tema, a quantidade de vezes que o mesmo aparece com o decorrer do tempo (a sua repetição), e o posicionamento que o veículo tem diante dele, por exemplo. Essas variáveis dão mais força a determinados temas, e acabam “esfriando” outros.

Diante de tudo isso, o autor afirma que, por conta do agendamento, a mídia e os jornalistas têm papel-chave na formação de “aspectos tão díspares de nossa cultura, como participação política, memória coletiva e imagens físicas pessoais” (MCCOMBS, 2009, p. 216), além da forte influência na concepção da opinião, do julgamento, dos padrões, da cultura, do senso comum e das imagens que se têm do mundo.

## **2. Mulher no Esporte e Questões de Gênero**

A história das mulheres no esporte, assim como em diversas outras áreas da sociedade, é de luta pela inclusão e pela igualdade, já que o esporte praticado por elas é marginalizado e visto como menor. JAERGER (2006, p. 200) diz que “As relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais. ”

As mulheres só começaram a participar das Olimpíadas na sua segunda edição, que contou com vinte e uma atletas que tiveram que enfrentar o “protesto de muitos, inclusive do Barão de Coubertin, um dos seus idealizadores, contrário à participação feminina por considerar que as mulheres poderiam vulgarizar esse terreno tão recheado de honras e conquistas. ” (GOELLNER, 2004, p. 38). Até as Olimpíadas de 1980, quando contou com 15 representantes, nas 18 edições anteriores, o Brasil, em diversas ocasiões, levou nenhuma ou somente uma atleta, sendo que a primeira participação foi da nadadora Maria Lenk, em 1932 (MOURÃO e GOMES, 2004).

Autoras como ROMERO (2004) e GOELLNER (2004) ainda destacam que na legislação brasileira das décadas de 40 e 60 havia decretos que proibiam as mulheres de praticar determinados esportes, como futebol, lutas, pentatlo, salto com vara, rugby, beisebol, entre diversos outros. Existiam diversas justificativas (sendo que algumas perduram até o século XXI) para essa privação da prática esportiva. A primeira delas era de caráter biológico, uma vez a literatura medica, por muito tempo, divulgou que o esporte era considerado prejudicial para o corpo das mulheres, podendo prejudicar seus

órgãos reprodutores (ROMERO, 2004). A segunda justificativa era de que a mulher perderia sua “feminilidade” com a prática esportiva, e por isso corria o risco de se “masculinizar”.

Práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. [...] Para além dos imaginados danos físicos que esses esportes poderiam causar, outro perigo se avizinhava: a ‘masculinização’ das mulheres. Termo este que parecia sugerir não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas também na sua própria aparência, afinal julgava o quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo. (GOELLNER, 2004, p. 39 e 40).

Esse aspecto nos leva a terceira justificativa, que era a da superioridade masculina. O esporte teoricamente teria sido feito para o corpo do homem, pois eles são considerados mais viris, fortes e atléticos. “Homens, e somente eles, ‘naturalmente’, são aptos a fazerem certas atividades; conseqüentemente, as mulheres servem para outras, sendo inaptas para aquelas primeiras.” (KNIJNIK, 2004, p. 66).

No entanto, todas essas justificativas são, na verdade, preconceitos de gênero e não tem nenhum embasamento científico. Dessa forma, KNIJNIK (2004, p. 66) diz: “Como se observa hoje em dia, estas características se baseavam muito mais na visão e nos preconceitos de gênero do que em verdades biológicas.”. Mas, antes discorrer mais sobre essa questão, é fundamental definir o que é gênero. Segundo SCOTT (1995, apud ROMERO, 2004, p. 104), os gêneros, diferentemente do sexo que é determinado no nascimento, são construções sociais e culturais “baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, e acabam atribuindo papéis, comportamentos, atividades, normas, símbolos e atitudes para homens e mulheres, ou seja, faz a separação do que é esperado do mundo “masculino” e do mundo “feminino”. Por isso,

O domínio do masculino é o público, o político e nele se inserem princípios de força, racionalidade, atividade, objetividade. O domínio do feminino é o privado, o doméstico ao qual se conjugam fragilidade, emoção, passividade, subjetividade. Essa distinção é acentuada com a naturalização dos seres humanos. Os homens seriam, ‘por natureza’ mais corajosos, mais violentos, mais racionais; já as mulheres, ‘por natureza’, estariam mais propensas ao choro, à histeria, ao amor. E assim, baseados em critérios ‘naturais’, nasceram as atividades ligadas ao sexo. (SOUZA e KNIJNIK, 2007, p. 39).

Um dos problemas desse preconceito de gênero é o fato da sociedade não aceitar que o masculino e o feminino se toquem, e os dois acabam sendo considerados como opostos um do outro ao invés de complementares. Com essa polarização, sempre que a mulher entra em um campo considerado masculino, como o esporte, “não apenas questionam sua beleza e feminilidade, mas também coloca em dúvida a autenticidade do seu sexo.” (GOELLNER, 2004, p. 40). Logo, o meio esportivo ajuda a criar e a reforçar as noções que a sociedade tem sobre o que pertence ou não aos gêneros masculino e feminino, o que para JAEGER (2006), ajuda a naturalizar desigualdades. A autora (2006, p. 201) ainda ressalta que para as mulheres são socialmente aceitas as práticas esportivas que envolvem “flexibilidade, agilidade, leveza e suavidade”, para que assim possam manter sua

feminilidade. Já para os homens, cabem as práticas relacionadas à “força, velocidade, resistência e potencialização muscular”, que ressaltam sua masculinidade.

Todo esse contexto histórico e social ajuda a explicar a tardia inserção das mulheres no esporte, e, conseqüentemente, o fato da sua participação expressiva no campo ser recente. Apesar dos avanços feitos, MOURÃO e MOREL (2005) afirmam é preciso ter cautela, pois a participação das mulheres no esporte ainda é menor do que a dos homens.

Para exemplificar essa situação relatada pelas autoras, é possível selecionar exemplos recentes de como as mulheres que praticam esportes são tratadas de maneira desigual em relação aos homens. O primeiro exemplo vem do mundo do tênis. Desde 2007 todos os principais torneios da modalidade oferecem premiações iguais para homens e mulheres<sup>7</sup>, e por conta dessa política, as únicas mulheres que aparecem na lista dos 100 atletas mais bem pagos da Forbes em 2016 são Serena Willians (40ª) e Maria Sharapova (88ª)<sup>8</sup>. Apesar desse avanço, ainda existem pessoas como Novak Djokovic e Raymond Moore que acreditam que as mulheres devem receber menos do que os homens<sup>9</sup>. O segundo exemplo é do Brasil. Em 2011, o Santos fechou sua equipe de futebol feminino, pois gastava R\$ 1,5 milhões por ano com a modalidade e o clube teoricamente não podia gastar esse valor. Ao mesmo tempo, para ter o jogador Neymar, o time desembolsava um milhão de reais mensalmente<sup>10</sup>.

Todas essas lutas por espaço e igualdade no meio esportivo são um caminho para a reconstrução da imagem que se tem da mulher no esporte, e até mesmo fora dele. A partir da nova realidade que essas atletas estão tentando construir, as novas gerações terão como modelos mulheres que não se deixam limitar pelos padrões de gênero construídos social e culturalmente. Nesse sentido, Alonso (2003, apud SOUZA e KNIJNIK, 2007, p. 40), afirma que “A prática esportiva oferece um espaço para que as mulheres adquiram respeitabilidade e reconhecimento social, destruindo falsos estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica.”.

### 3. Esporte Feminino no Mídia

Como dito anteriormente, existe um grande preconceito contra as mulheres atletas dentro do jornalismo esportivo. “No lugar da bola, o tanque de lavar roupa. E não se fala mais nisso! Quando se trata de futebol, muita gente pensa assim, principalmente na mídia.” (CALÇADE, 2004, p. 119). JAEGER (2006, p. 204) corrobora com esse ponto de vista quando diz que “a mídia tem tratado com

<sup>7</sup> <https://www.theguardian.com/sport/2015/sep/11/how-women-in-tennis-achieved-equal-pay-us-open> acesso 01/06/2016

<sup>8</sup> <http://www.forbes.com/athletes/list/#tab:overall> acesso 01/06/2016

<sup>9</sup> <https://www.theguardian.com/sport/2016/mar/21/novak-djokovic-indian-wells-equal-prize-money-tennis> acesso 01/06/2016

<sup>10</sup> [http://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2015/06/neymar-marta-world-cup-brazil/394856/?utm\\_source=SFTwitter](http://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2015/06/neymar-marta-world-cup-brazil/394856/?utm_source=SFTwitter) acesso 01/06/2016

desigualdade mulheres e homens nas suas coberturas esportivas, priorizando a presença masculina em seus programas e marginalizando mulheres. ”

SOUZA e KNIJNIK (2007) apontam estudos feitos em diferentes países que mostram que a cobertura dos esportes masculinos é muito maior do que a dos esportes femininos. Na pesquisa de FINK (1998, apud SOUZA e KNIJNIK, 2007, p. 38), por exemplo, ele destaca que “apenas 15% de toda cobertura esportiva dos jornais norte-americanos eram sobre atletas mulheres, e ainda que apenas 5% da cobertura televisiva eram de mulheres no esporte. ”. Já nos estudos de TOOHEY (1997, apud SOUZA e KNIJNIK, 2007), feitos na Austrália, esses números caem para 4,2% e 2% respectivamente. Na pesquisa feita pelos autores nos jornais brasileiros, eles destacam que mais reportagens são dedicadas aos esportes masculinos, sendo que as marcas de gênero são mais presentes nas notícias relacionadas aos esportes femininos. O fato da mídia pouco divulgar o esporte feminino fez com que os autores apontassem que, apesar do sucesso das atletas em suas modalidades esportivas, as mulheres e meninas tem dificuldade em encontrar alguém em quem se espelhar. Além disso, eles acreditam que essa situação prejudica a visibilidade das atletas e as representações construídas sobre elas. Se aos jornalistas e aos meios de comunicação também cabe o papel de educar e dar visibilidade aos eventos esportivos, no esporte feminino não parece que eles estão cumprindo esse papel. Se o esporte feminino não está presente na agenda da mídia, como estará na agenda pública?

ROMERO (2004) destaca que no decorrer da história, a mídia sempre tratou de maneira diferente atletas homens e mulheres. A autora afirma que as representações na mídia esportiva são reflexos das relações patriarcais, o que reforça a superioridade masculina. Ou seja, o jornalismo esportivo também perpetua e constrói a visão do que é considerado do universo feminino e do masculino, o que gera os mesmos preconceitos e estereótipos vistos na parte anterior do artigo. Diversos autores como CALÇADE (2004), SOUZA e KNIJNIK (2007), ROMERO (2004) e JAEGER (2006) apontam para o fato de que as mulheres, em muitos casos, não são retratadas pelas suas conquistas, performances, habilidades ou pelos aspectos técnicos e táticos dentro da sua modalidade, e sim pelo seu corpo, sua beleza (ou “falta” dela), seu lado emocional e sua sexualidade. Já com os homens acontece geralmente o oposto, eles são retratados pelos seus feitos atléticos, pela sua força, coragem e determinação. ROMERO (2004, p. 107) afirma que

Ao dar cobertura significativamente maior à aparência física e ao comportamento feminino, frequentemente comparando seu desempenho com o dos atletas do sexo masculino, a mídia constrói o esporte a partir da diferença entre gêneros e a hierarquia dos sexos.

A campanha #CoverTheAthlete (cubra o atleta), tendo em vista todos esses problemas da cobertura da mídia sobre o esporte feminino, foi criada na internet para incentivar os repórteres a perguntarem sobre a atleta, e não sobre outras coisas. O problema, para a campanha, é que



“comentários sexistas, perguntas inapropriadas, e matérias focadas na aparência não só banalizam as conquistas das mulheres, mas também mandam a mensagem que seu valor é baseado na sua aparência, não na sua habilidade”<sup>11</sup>. Em seu site, a campanha cita vários exemplos que mostram essa questão, como quando a tenista Eugenie Buchard, após vencer uma partida no Australian Open, foi pedida pelo repórter para “dar uma voltinha” e falar sobre sua roupa. Além desses casos, os criadores fizeram um vídeo<sup>12</sup> no qual perguntaram às atletas homens as mesmas coisas que foram perguntadas para as mulheres, e todos mostram desconforto diante de tal situação, o que revela essa desigualdade das coberturas.

#### 4. Análise

Para fazer a análise do discurso jornalístico televisivo brasileiro em relação ao esporte feminino, foram escolhidos os três canais do Sportv, já que eles pertencem ao Grupo Globo, o maior conglomerado de meios de comunicação no Brasil, e os três da ESPN, que é o grupo de maior tradição na transmissão esportiva na televisão brasileira, com mais de 20 anos de trabalho na área. Todas as análises estão baseadas nas programações dos seis canais entre os dias 31 de maio de 2016 e 07 de junho de 2016.

##### 4.1 Análise Quantitativa

Durante os oito dias, a grade diária dos três canais Sportv (totalizando 72 horas de conteúdo diário) apresentou, em média, 53 horas de programas e transmissões de eventos esportivos exclusivamente masculinos, o que equivale a 73,6% da programação, deixando as outras 19 horas para a cobertura de eventos exclusivamente femininos ou programas e esportes sem um gênero específico, ou seja, que tem a participação tanto de homens, quanto de mulheres. No entanto, vale ressaltar que há dias em que a grade não apresentava nenhuma transmissão de esportes femininos, já em outras datas o espaço dedicado para a cobertura das modalidades das mulheres são, em sua maior parte, reprises de jogos. O Sportv valoriza mais o esporte feminino brasileiro (durante os oito dias, foram realizadas somente transmissões das seleções brasileiras femininas de vôlei e futebol).

Nos mesmos oito dias, a grade dos três canais ESPN (que também totalizam 72 horas diárias de conteúdo) apresentou, em média, 57 horas e 30 minutos de programas e transmissões de eventos esportivos unicamente masculinos, ou o equivalente a 80% da programação. As outras 14 horas e 30 minutos são ocupadas majoritariamente com programação sem um gênero definido. Os canais ESPN

---

<sup>11</sup> Original: “Sexist commentary, inappropriate interview questions, and articles focused on physical appearance not only trivializes a woman’s accomplishments, but also sends a message that her value is based on her looks, not her ability. ”. Disponível em: <http://covertheathlete.com/>

<sup>12</sup> Vídeo disponível em <http://covertheathlete.com/>

apresentaram menos programação exclusiva dos esportes praticados pelas mulheres, tendo em somente três, dos oito dias, transmissão de jogos das categorias femininas, sendo que as quatro partidas que transmitiu eram das ligas norte-americanas.

Além do que foi mencionado anteriormente, os dois canais apresentam algumas características em comum. A maior parte da grade de programação é composta pelo futebol masculino, com diversas transmissões de jogos ao vivo e programas específicos para a modalidade. Mais do que isso, há maior variedade de eventos esportivos masculinos, como lutas, basquete, corrida automobilística, beisebol, hóquei, entre vários outros, sendo que a maior parte deles é transmitido ao vivo e em horários acessíveis. Já os esportes femininos são mostrados, em sua maioria, em reprises e em horários de pouca visibilidade, como de madrugada ou nas primeiras horas da manhã.

A partir de tudo que foi observado, é possível afirmar que o esporte feminino não é destaque nas programações esportivas dos canais aqui retratados, o que leva ao conceito de agendamento, de MCCOMBS (2009). Se os dois grupos de comunicação não abrem espaço e quase não há repetição sobre questões do esporte feminino, então estes, muito provavelmente, não estarão na agenda das pessoas e não serão assuntos de debate. Com isso, é possível perceber que na batalha por visibilidade dos temas, o esporte masculino está vencendo o esporte feminino nos critérios de noticiabilidade e seleção adotados. Essa falta de atenção e ausência, em grande parte, do esporte feminino na agenda da mídia gera diversas consequências negativas para as mulheres, pois não se sentem representadas e não tem modelos, assim como foi verificado na parte 3. Além disso, como dito na parte 1.2, os esportes dependem da mídia para serem divulgados, pois as pessoas constroem as imagens do mundo através dela, caso contrário, os mesmos acabam ficando restritos àqueles que os praticam, e é justamente isso que acaba ocorrendo pelo que se vê nas grades de transmissão de Sportv e ESPN. Outra questão importante é o fato de que os meios de comunicação, além de contribuírem para a formação das pessoas, eles também são um reflexo da sociedade em que se encontram. Sabendo disso, se a mídia esportiva do Brasil se preocupa majoritariamente em mostrar e falar sobre o esporte masculino, e conseqüentemente deixa de lado o esporte feminino, isso mostra como a sociedade brasileira (des)trata a questão da mulher, como a relevância do esporte feminino é vista pelas pessoas, e também revela aspectos machistas presentes na cultura do país.

#### **4.2 Análise Qualitativa**

Depois dessa análise de conteúdo, agora é possível entrar na análise do discurso em si, pois esse vai ajudar a entender como a mulher que pratica esportes é retratada nos poucos momentos em que aparece. Para poder realizá-la, entre os dias escolhidos foram analisadas 15 horas das

programações, sendo 8 delas de programas sem gênero ou transmissões de eventos esportivos femininos nos canais ESPN, e 7 nos canais do Sportv.

Uma das grandes questões que se estuda no meio da comunicação são as vozes do discurso jornalístico, ou seja, quem fala, para quem se fala e de quem se fala (BENETTI, 2007). O que se percebeu durante o tempo analisado dos canais, é que há a presença constante de homens (quem fala) nas transmissões dos jogos femininos (de quem se fala) ou dos programas sem gênero definido, que são teoricamente destinados para um público predominantemente masculino (para quem se fala) Das 22 pessoas presentes (entre narradores, comentaristas e apresentadores), 15 eram homens e 7 eram mulheres, sendo que três delas são ex-atletas que só comentavam sobre seus respectivos esportes. Isso mostra como o jornalismo esportivo é dominado pelos homens. Essa situação reflete em como a mulher é retratada, pois a visão de um homem acerca do universo das mulheres é muito diferente da visão das mulheres sobre elas mesmas.

Outra grande questão da área, é que o que é dito tem a mesma força do que o não dito (BENETTI, 2007), afinal, os temas que não são abordados acabam ficando invisíveis e fora da agenda pública. Durante os quatro programas de notícia analisados (dois em cada canal), somente um deles falou (brevemente) sobre esporte feminino, que foi o “Ta na área”, do Sportv. Os assuntos foram retratados de maneira bastante restrita, sem haver nenhuma análise ou comentário mais crítico sobre os esportes. Porém, o assunto predominante nos quatro casos foi o futebol masculino.

Essa grande diferença na dedicação da cobertura dos esportes masculinos em relação aos femininos também pôde ser vista na transmissão do amistoso da seleção brasileira de futebol feminino. Não havia ninguém reportando diretamente do Canadá, onde a partida ocorreu. Já nos jogos de futebol da seleção brasileira masculina sempre há no mínimo um correspondente no gramado. Apesar disso, em todos os jogos analisados (ESPN e Sportv) foi possível perceber muito respeito de quem fazia as transmissões. Aspectos físicos, técnicos e táticos eram apresentados, assim como estatísticas e histórico das jogadoras. Foram feitos muitos elogios sobre as jogadas, a vontade e a qualidade das atletas, e suas conquistas foram muito ressaltadas<sup>13</sup>. No entanto, ainda assim pôde-se perceber alguns problemas, como a utilização de diminutivos (que é um tratamento que mostra certa depreciação), a referência da mulher como menina (o que ocorreu em diversas situações e também possui caráter depreciativo), o destaque para a modalidade masculina e a utilização de algumas frases que tem preconceitos de gênero implícitas, principalmente quando se fala do lado emocional, da ansiedade e

---

<sup>13</sup> Exemplo WNBA ESPN: “Aula de basquete”.

Exemplo futebol Sportv: “Possuem mais habilidade técnica do que as jogadoras que saíram”.

Exemplo vôlei Sportv: “Sua habilidade vem de longe”.

da “delicadeza” das atletas<sup>14</sup>. Além disso, foi possível notar que as críticas não são muito enfáticas, o que gera a impressão de que como são mulheres jogando, os erros são mais aceitáveis.

No programa Dose Dupla (ESPN), as atletas são tratadas como as “meninas” da seleção de handebol<sup>15</sup>, o que mais uma vez mostra uma depreciação (mesmo que não consciente) delas como mulheres. Apesar do destaque ser as conquistas recentes da seleção brasileira na modalidade (o que é um ponto positivo), o único que deu entrevista foi o técnico dinamarquês, ou seja, as mulheres não tiveram voz no programa, e por isso as imagens do esporte e delas foram construídas somente a partir do ponto de vista do homem. Além disso, o sucesso delas foi comparado com o “sucesso” da seleção masculina de handebol brasileira, que na verdade não está perto do nível das mulheres.

O Pelas Quadras (ESPN) tem seu tempo dividido igualmente entre os homens e as mulheres, e neles foram abordados aspectos técnicos, táticos e físicos do jogo. Nesse caso as tenistas são tratadas de duas formas. Elas têm suas conquistas exaltadas<sup>16</sup>, mas, por outro lado, também são feitas, por parte da maioria dos homens que compõem a mesa, comentários extremamente preconceituosos e sexistas<sup>17</sup>, que diminuem os feitos das mulheres e as generalizam. Mais do que isso, quando um jogador apresenta algum problema na quadra, geralmente é atribuído a algum aspecto técnico ou tático de seu jogo, mas quando é uma jogadora na mesma situação, geralmente é atribuído ao lado emocional dela, o que mostra o preconceito de gênero que existe no jornalismo esportivo.

Na entrevista com a nadadora Joanna Maranhão (ESPN) os mais diversos temas foram discutidos, e quem mais falou foi a entrevistada. Da parte de quem estava entrevistando foi possível perceber muito respeito e admiração, tanto com o lado da atleta, quanto para a mulher Joanna Maranhão<sup>18</sup>, dessa forma, não foi possível perceber muitos preconceitos de gênero, embora eles estivessem presentes em poucos momentos<sup>19</sup>.

A partir dessa análise qualitativa foi possível perceber como é a imagem da mulher atleta na sociedade brasileira (o que é refletido no discurso do jornalismo esportivo), e como ela é construída para o público através dos meios de comunicação. O esporte feminino ainda é visto pelo povo brasileiro em um patamar diferente do masculino, dessa forma, nas transmissões estão presentes discursos

---

<sup>14</sup> Exemplo futebol Sportv: “Descontrole emocional das canadenses”.

Exemplo vôlei Sportv: “Meninas do Brasil fazendo sua graça na Suíça”.

<sup>15</sup> Exemplo 1: “Milagre proporcionado pelos deuses do esporte e realizado pelas meninas e pelo técnico”.

Exemplo 2: “Elegância despojada das meninas”.

<sup>16</sup> Exemplo 1: “Vive dias de glória”.

Exemplo 2: “Está tranquila por tudo que já fez no circuito”.

<sup>17</sup> Exemplo 1: “Chilique das mulheres”.

Exemplo 2: “As mulheres não querem correr?”.

<sup>18</sup> Exemplo 1: “Honrado de estar do lado de alguém assim”.

Exemplo 2: “Você é forte”.

<sup>19</sup> Assuntos como namorados e maternidade (muito recorrentes quando se fala de mulher) foram abordados, e o uso da palavra menina ocorreu, mas somente em momentos mais pontuais, quando se tratava de alguém mais jovem.

(muitas vezes de maneira inconsciente) que são até certo ponto depreciativos e preenchidos com estereótipos relacionados ao gênero. Se a mídia ainda perpetua esse discurso, essa vai ser a imagem que a sociedade continuará tendo sobre o esporte feminino e sobre as mulheres que praticam esporte (o que gera um ciclo vicioso), mas uma vez que as conquistas e os aspectos técnicos se fazem cada vez mais presentes dentro das transmissões, ou seja, se ocorre a educação sobre a questão da mulher e do esporte, esse cenário tende a mudar, já que a mídia tem o poder de influenciar o público. Pelo que foi observado, tanto nos canais Sportv, quanto nos ESPN, esses estereótipos e preconceitos ainda existem, mas, ao mesmo tempo, o respeito e o cuidado com o esporte praticado pelas mulheres e suas conquistas fica muito perceptível, apesar de todos os problemas.

### Considerações Finais

Uma das partes da questão norteadora do artigo era qual o espaço dado ao esporte feminino no jornalismo esportivo brasileiro? E a hipótese inicial era de que esse espaço era mínimo. Foi possível perceber que o esporte feminino ainda ocupa um espaço significativamente menor do que o masculino dentro do jornalismo esportivo televisivo brasileiro, ou seja, elas ainda são marginalizadas, e esse cenário afeta negativamente as mulheres e os esportes praticados por elas.

Já a outra parte da pergunta era como o esporte feminino é tratado pelo jornalismo esportivo televisivo brasileiro? A hipótese era de que o tratamento é permeado por diversos preconceitos de gênero. É possível dizer que esses preconceitos existem sim nos meios verificados, mas diferentemente do que está relatado na parte teórica, o que se verificou na prática é que eles não são tão difundidos e constantes. Questões como beleza, relações familiares e maternidade não foram muito abordadas, mas outros, como emocional, menor capacidade física e menos tempo de fala puderam ser destacados.

### Referências Bibliográficas

ALONSO, L. Mulher, corpo e mitos no esporte. São Paulo: Manole, 2003. p.35-47. In: SOUZA, J; KNIJNIK J. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de educação física e esporte**. São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, janeiro/março de 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>> acesso 15/06/2016

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. Manual do Jornalismo Esportivo. São Paulo: Contexto, 2006. In: OSELAME, Mariana. **Fim da notícia**: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão. Porto Alegre, 2012. Dissertação de Mestrado, PUS-RS. Disponível em <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2057/1/000446793-Texto%2bCompleto-0.pdf>> acesso 15/06/2015

BENETTI, M. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 107 - 122.  
BITENCOURT, L. Prefácio. In: **Observatório da mídia esportiva**: A cobertura jornalística dos Jogos Abertos de Santa Catarina. Organização Giovani de Lorenzi Pires. 2007. Disponível em:

<<http://www2.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/observatorioMidiaEsportiva.pdf>> acesso 15/06/2016

BORELLI, V. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: **XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2002, Salvador. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/ea984db34c55cfc94d2f75bb662887f6.pdf>> acesso 15/06/2016

BOURDIE, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CALÇADE, P. Mulher esporte e exploração midiática: do tanque para os gramados. In: **III FORUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE >MITOS E VERDADES<**, 2004, São Paulo. Disponível em: <[http://www.im.br/site\\_1/faculdades/educacao\\_fisica/estudo\\_muculacao/ANAIS\\_III\\_Forum\\_Mulher\\_Esporto\\_Mitos\\_e\\_Verdades.pdf](http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporto_Mitos_e_Verdades.pdf)> acesso 15/06/2016

FINK, J. Female Athletes and the media: strides and stalemates. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*. v.69, n.6, p.37-40, 1998. In: SOUZA, J; KNIJNIK J. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de educação física e esporte**. São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, janeiro/março de 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>> acesso 15/06/2016

FONSECA, Virginia. Indústria de Notícias: Capitalismo e Novas Tecnologias no Jornalismo Contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2008. In: OSELAME, Mariana. **Fim da notícia: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão**. Porto Alegre, 2012. Dissertação de Mestrado, PUS-RS. Disponível em <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2057/1/000446793-Texto%2bCompleto-0.pdf>> acesso 15/06/2015

GOELLNER, S. mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia. In: **III FORUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE >MITOS E VERDADES<**, 2004, São Paulo. Disponível em: <[http://www.im.br/site\\_1/faculdades/educacao\\_fisica/estudo\\_muculacao/ANAIS\\_III\\_Forum\\_Mulher\\_Esporto\\_Mitos\\_e\\_Verdades.pdf](http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporto_Mitos_e_Verdades.pdf)> acesso 15/06/2016

JAEGER, A. “Gênero, Mulheres e Esporte”. **Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 01, p.199-210, janeiro/abril de 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2896/1532>> acesso 15/06/2016

KNIJNIK, J. Rosa versus azul: estigmas de gênero no mundo esportivo. In: **III FORUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE >MITOS E VERDADES<**, 2004, São Paulo. Disponível em: <[http://www.im.br/site\\_1/faculdades/educacao\\_fisica/estudo\\_muculacao/ANAIS\\_III\\_Forum\\_Mulher\\_Esporto\\_Mitos\\_e\\_Verdades.pdf](http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporto_Mitos_e_Verdades.pdf)> acesso 15/06/2016

KOIVULA, N. Ratings of gender appropriateness of sport participation: effects of gender-based schematic processing. *Sex Roles*, v.33, n.7/8, p.543-57, 1995. In: SOUZA, J; KNIJNIK J. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de educação física e esporte**. São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, janeiro/março de 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>> acesso 15/06/2016

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOURÃO, L; GOMES, E. A mulher na administração do esporte no Brasil, segundo a norma olímpica. In: **III FORUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE >MITOS E VERDADES<**, 2004, São Paulo. Disponível em: <[http://www.im.br/site\\_1/faculdades/educacao\\_fisica/estudo\\_muculacao/ANAIS\\_III\\_Forum\\_Mulher\\_Esporto\\_Mitos\\_e\\_Verdades.pdf](http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporto_Mitos_e_Verdades.pdf)> acesso 15/06/2016

MOURÃO, L; MOREL; M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da imprensa em campo. **Revista brasileira de ciências do esporte**. Campinas, v. 26, n.2, p. 73-86, janeiro de 2005. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/148/157>> acesso 15/06/2015

NOVAES, M. A educação física e mídia esportiva. **Revista ALTERJOR**. São Paulo, v.01, n. 01, p.1-14, janeiro/dezembro de 2010. Disponível em <<http://revistas.usp.br/alterjor/article/view/88197/91075>> acesso 15/06/2016

OSELAME, Mariana. **Fim da notícia:** o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão. Porto Alegre, 2012. Dissertação de Mestrado, PUS-RS. Disponível em <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2057/1/000446793-Texto%2bCompleto-0.pdf>> acesso 15/06/2015

RIBEIRO, Jorge. **Sempre alerta:** condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Olho D’água, 2001.

ROMERO, E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. In: **III FORUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE >MITOS E VERDADES<**, 2004, São Paulo. Disponível em: <[http://www.im.br/site\\_1/faculdades/educacao\\_fisica/estudo\\_muculacao/ANAIS\\_III\\_Forum\\_Mulher\\_Esporto\\_Mitos\\_e\\_Verdades.pdf](http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporto_Mitos_e_Verdades.pdf)> acesso 15/06/2016

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. julho/ dezembro de 1995. v. 16, p. 5- 22. Porto Alegre. In: ROMERO, E. A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. In: **III FORUM DE DEBATE SOBRE MULHER E ESPORTE >MITOS E VERDADES<**, 2004, São Paulo. Disponível em: <[http://www.im.br/site\\_1/faculdades/educacao\\_fisica/estudo\\_muculacao/ANAIS\\_III\\_Forum\\_Mulher\\_Esporto\\_Mitos\\_e\\_Verdades.pdf](http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporto_Mitos_e_Verdades.pdf)> acesso 15/06/2016

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2015:** hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>> acesso 15/06/2016

SOUZA, J; KNIJNIK J. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de educação física e esporte**. São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, janeiro/março de 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>> acesso 15/06/2016

TOOHEY, K. Australian television, gender and the Olympic Games. *International Review for the Sociology of Sport*, London, v.32, n.1, p.19-29, 1997. In: SOUZA, J; KNIJNIK J. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de educação física e esporte**. São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, janeiro/março de 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>> acesso 15/06/2016

<http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/8311-televisao.html> acesso 16/05/2016

<https://www.theguardian.com/sport/2015/sep/11/how-women-in-tennis-achieved-equal-pay-us-open> acesso 01/06/2016

<http://covertheathlete.com/> acesso 01/06/2016

<https://www.theguardian.com/sport/2016/mar/21/novak-djokovic-indian-wells-equal-prize-money-tennis> acesso 01/06/2016

[http://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2015/06/neymar-marta-world-cup-brazil/394856/?utm\\_source=SFTwitter](http://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2015/06/neymar-marta-world-cup-brazil/394856/?utm_source=SFTwitter) acesso 01/06/2016

<http://www.forbes.com/athletes/list/#tab:overall> acesso 01/06/2016